

FRANÇA JUNIOR

—
O DEFEITO

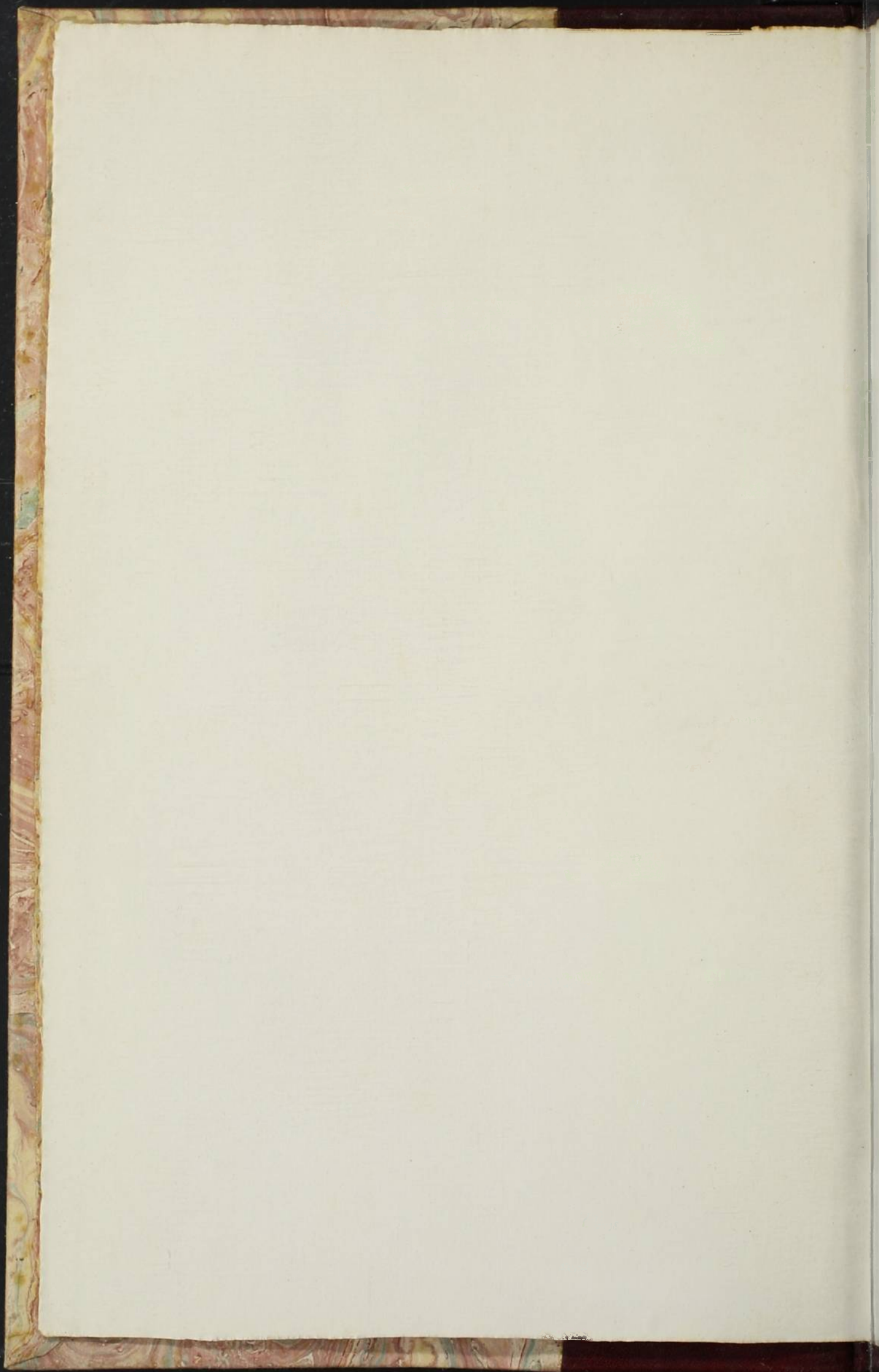
DE FAMÍLIA

1871

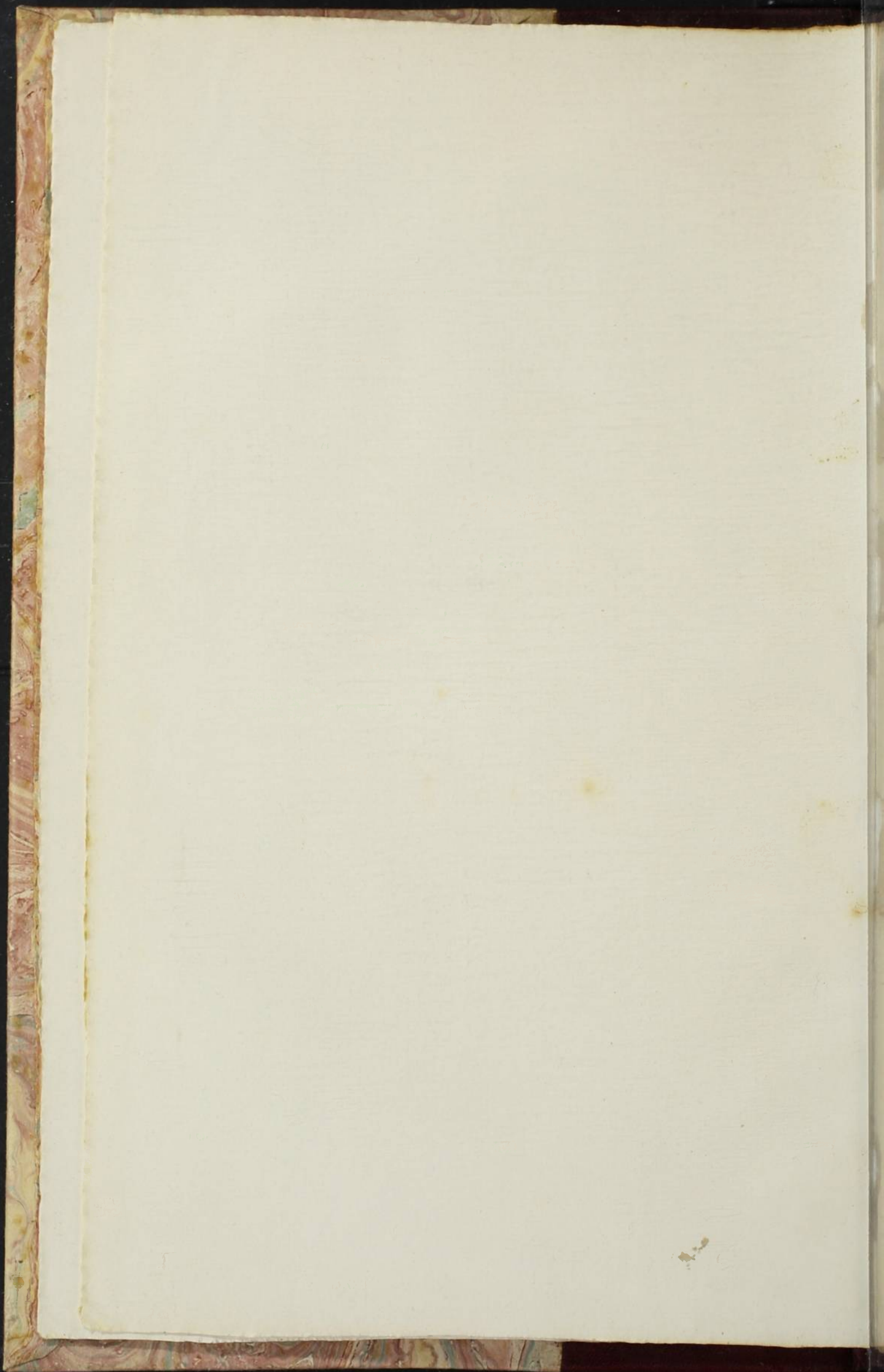






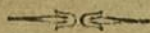


C-16
227

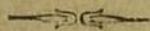


FRANÇA JUNIOR

O DEFEITO DE FAMILIA

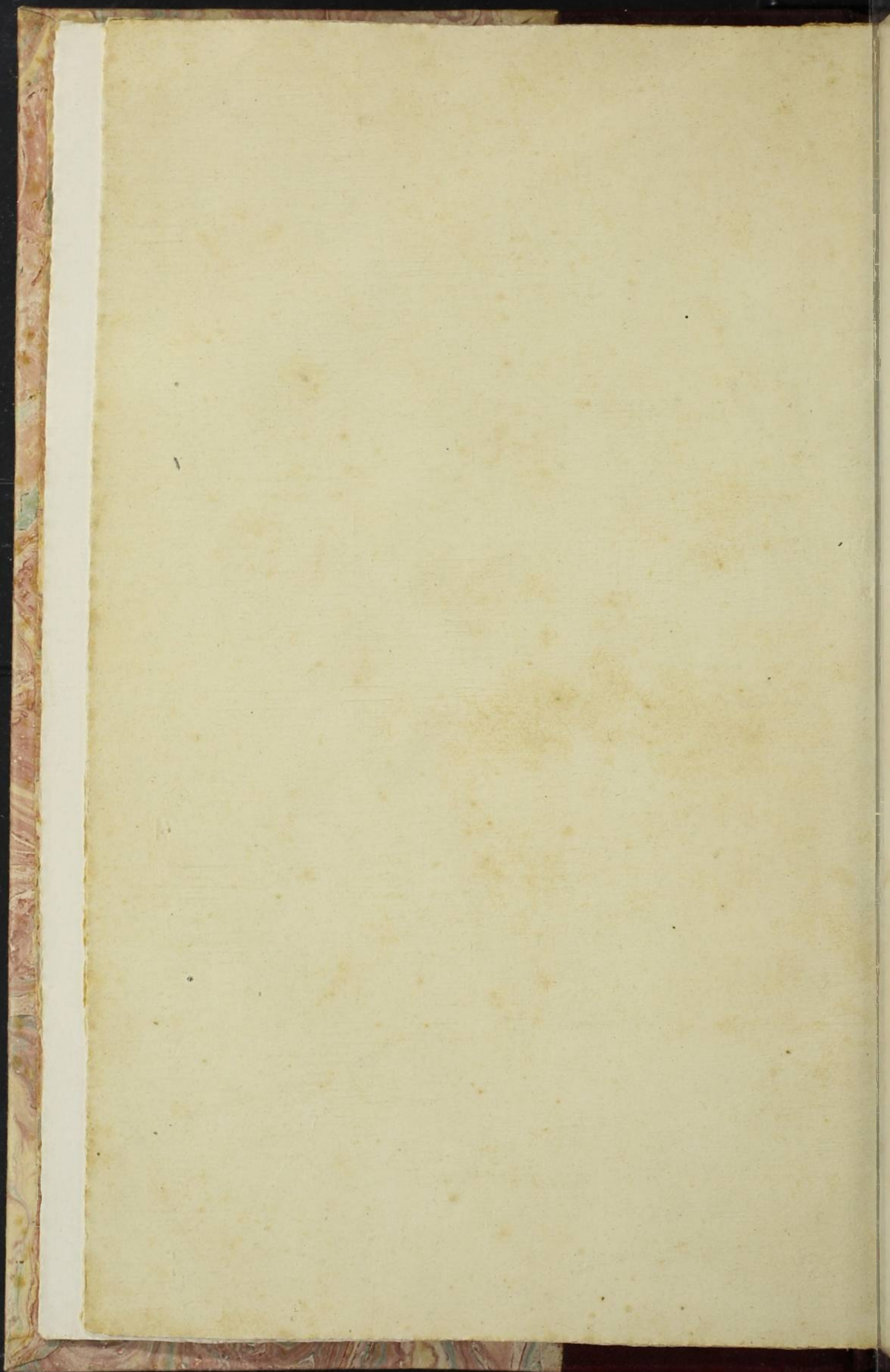


COMEDIA EM UM ACTO



REPRESENTADA NA PHENIX DRAMATICA

EM 25 DE SETEMBRO DE 1870



O DEFEITO

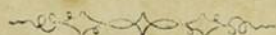
DE

FAMILIA

COMEDIA EM UM ACTO

POR

FRANÇA JUNIOR



RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA—AMERICANA,—RUA DOS OURIVES N. 19.

—
1871

U. DEPT. OF AGRICULTURE

ALBANY

1880

PERSONAGENS

† Mathias Novaes, capitão de cavallaria, 50 annos	SR. VASQUES.
Gertrudes Novaes, 40 annos	D. JOAQUINA.
† Josephina Novaes, 18 annos	D. APOLONIA.
Ruprecht, criado alle- mão, 50 annos. . . .	SR. ARÊAS.
† Arthur de Miranda, 25 annos	SR. GALVÃO.
† André Barata, 30 annos.	SR. FERREIRA.

A acção passa-se no Rio de Janeiro.

Epoca — Actualidade

MEMORANDUM

TO : [Illegible]

FROM : [Illegible]

SUBJECT : [Illegible]

[Illegible text follows, including a date and several lines of body text.]

O Defeito de Família

ACTO UNICO

O theatro representa uma sala regularmente mobiliada

Scena I

GERTRUDES E JOSEPHINA

GERTRUDES (*examinando a sala*).

Como está esta sala! E' um brinco! Não ha nada como o serviço de um criado estrangeiro.

JOSEPHINA (*sentada ao lado da mesa, lendo o — Jornal das Familias*).

Na realidade, papai não podia acertar melhor.

GERTRUDES

E que moralidade, minha filha! Hontem ficou mais vermelho do que fogo de forja, porque entrando casualmente em nosso quarto..... Não me lembrava que és uma criança e que não podes saber essas cousas.

JOSEPHINA (*com curiosidade*).

O que foi, mamãe?

GERTRUDES

Uma indiscrição de teu pai. O que estás vendo ahí?

JOSEPHINA

O ultimo figurino do *Jornal das Familias*. Não acha que este molde de corpinho ia-me às mil maravilhas? (*mostrando o jornal*).

GERTRUDES

Vaidosa!

JOSEPHINA

O Sr. Arthur diz-me constantemente, que quem não se enfeita, a si se engeita. E' preciso, portanto, que eu faça de minha parte todo o possível por agradal-o.

GERTRUDES

Minha filha, uma menina não deve captivar áquelle, a quem ama, por essas fôfas exterioridades, que morrem com a lua de mel; mas sim pelos dotes do coração e de espirito.

JOSEPHINA (*levanta-se*).

O que Vmc. acaba de dizer é muito bonito, mas infelizmente na nossa familia ha exemplos do contrario. O noivo de Joanninha desmanchou o casamento, porque, estando uma vez a conversar com ella, surpreendeu-lhe por baixo do vestido a ponta de um chinello de tapete.

GERTRUDES

Ora, de quem vens me fallar! Um desgraçado, sem eira, nem beira, que ia fazer a sua infelicidade! Ella deve levantar as mãos para o céo, e agradecer á Providencia o favor que lhe concedeu.

JOSEPHINA

E a pobre Ritinha? Enxoval prompto, o padre já fallado, vem uma camada de bexigas bravas, transforma-lhe o rosto, e o noivo desaparece de casa do dia para a noite.

GERTRUDES

Mas o Sr. Arthur nunca seria capaz.....

JOSEPHINA

Não é bom confiar nos homens. (*canta*).

Infeliz da mulher que acredita
Na constancia do sexo barbado,
Quando menos o espera é trahida
Por um futil pretexto estudado.

Ha um meio, entretanto, infallivel
De curval-o ante o nosso poder,
E' primar a mulher pelo agrado.
Quem agrada ha de sempre vencer.

GERTRUDES (*canta*).

Esse noivo que a sorte te deu
E' dos homens, por certo, excepção;
Não o has de prender com tolices,
Mas com os dotes do teu coração.

JOSEPHINA

Felizmente quando elle chegar ha de encontrar-

me de ponto em branco. Ah! mas quando penso naquillo.....

GERTRUDES

Ahi vem a tua idéa fixa.

JOSEPHINA

E não quer que isto preocupe-me o pensamento?

GERTRUDES

Eu quando me casei, minha filha, estava nas mesmas circumstancias, e teu pai nunca deu pela cousa.

JOSEPHINA

Mas os homens de hoje são tão espertos.....

GERTRUDES

Ora, depois de casado, que remedio terá elle senão calar-se.

JOSEPHINA

E si elle quizer divorciar-se?

GERTRUDES

Pois isto é lá motivo para divorcio!

JOSEPHINA

E' verdade que D. Margaridinha, que é uma moça do tom, disse-me outro dia que não o era.

GERTRUDES

Ha uma cousa, porém, de que não te posso absolver.

JOSEPHINA

Qual é?

GERTRUDES

Porque recebes aqui ás escondidas o tal sujeito ?

JOSEPHINA

E' porque.....

Scena II

AS MESMAS E MATHIAS

MATHIAS (*entrando pela esquerda, em trajes caseiros*).

A's que horas acostumam chegar os trem da serra ?

GERTRUDES (*pausadamente*).

O trem da serra costuma chegar ás seis horas.

MATHIAS

A senhora diz isto assim com um *tão* de mestre de escola ! *Dará-se caso* que eu tenha dito alguma asneira?! Já estou muito velho para *arreceber lições*.

GERTRUDES

Mas é que tu me envergonhas, Mathias, todas as vezes que abres a boca em publico. Porque não te has de corrigir deste máu habito ?

MATHIAS

O que envergonha o homem, senhora, são as

más acções; e graças a Deus, até hoje, ainda não partiquei um auto, de que me arrependesse. (*para Josephina*) Bravo! meu anjinho, estás que é um céu aberto! Fizestes muito bem, o Sr. Arthur não tarda, e daqui ha um mez estarás ligada áquelle excellente moço pelos laços da santa madre igreja. (*para Gertrudes*) Onde está o *allamão*?

GERTRUDES

O allemão está lá dentro arranjando o quarto, onde deve ficar o Sr. Arthur.

MATHIAS (*gritando para dentro*).

Rupretes? Xubregas? Que diabo! Como é que se pronuncia o nome daquelle *desarmado*?

GERTRUDES (*rindo-se*).

Pois si tu não podes com a tua lingua, como queres pronunciar a dos outros? (*Josephina senta-se ao lado da mesa, e lê o Jornal das Famílias*).

MATHIAS

E' pena que o ladrão tenha um nome tão arresado: *tirantes* disso é um criado, como não ha igual. Serio, de uma moralidade exemplar, cumpridor de seus deveres, e sobretudo fiel como um cachorro. Si eu podesse enchia esta casa de *allamões*. Tive uma optima idéa de mandal-o vir de Petropolis. (*canta*)

De ter *allamões* em casa,
Ninguem deve se queixar:
Pois é gente papafina,
Para uma casa guardar.

Quem quizer ter o socego
E a paz no coração,
Lá da terra das bengalas
Mande vir um *allamão*.

Que ventura, que prazer!
Nada tenho a desejar:
Estou servido de criado.
E a filha vou casar.

E vivão os *allamões*! (*gritando para dentro*).

Xubregas? Rupretes? O' Monsiú?

Scena III

JOSEPHINA, GERTRUDES, MATHIAS E
RUPRECHT.

RUPRECHT

Mein Herr? O senhor chamou-me?

MATHIAS

Sim, chamei-te. Irra! tens um nome, que não me passa da garganta. *Pornuncia* lá isso, mas com toda a *vagareza*.

RUPRECHT

Ruprecht Somernachtstraumenberg, uma zeu griado. (*Gertrudes vê o jornal com Josephina*)

MATHIAS

Safa! Para *pornunciar* isto, só pondo uma batata quente na boca! Já *arranjastes* o quarto?

RUPRECHT

Ya wohl.

MATHIAS

Mão, que você está degenerando; pois agora é que vai, quando eu lhe ordenei desde manhã que arrumasse aquillo?

RUPRECHT

Mas eu já arrumei!

MATHIAS

Eutão como é que me vem dizer “já vou?!”

GERTRUDES (*rindo.*)

Este criado acaba por te tornar maluco.

MATHIAS

Ora, vejemos si fizeste tudo quanto te encomendei.

RUPRECHT

Está tudo brombto. Muito ponito tudo! A gama muito macia.

MATHIAS

O que compraste para o almoço amanhã?

RUPRECHT

Rindfleisch.

MATHIAS

Para que *fostes* comprar rim?

RUPRECHT

Non, non é rim. é este gouza, eu non zabe como se jama auf portuguische.

MATHIAS

Que diacho é isto, então?

RUPRECHT

Rindfleisch. esse picho que tem gapeça crande. poi, poi.

MATHIAS

Ah! vaca, vaca.

RUPRECHT

Faca, non, poi, poi.

MATHIAS

O que mais?

RUPRECHT

Gomprei mais uma bosta de beixe.

MATHIAS

Uma ova de peixe, queres dizer.

RUPRECHT

Nein; um bedação de beixe.

GERTRUDES

Estás ahí a usurpar as miúhas attribuições. Sempre impliquei com homem, que se mette com o governo da casa. Manda o criado embora;

quando te sentares logo á mesa, saberás o que
lia para comer.

MATHIAS

Tens razão; com uma mulher da *tua orde* e um
criado destes pode-se passar a vida de braços en-
cruzados.

JOSEPHINA

E' muito bonito este romance do Macedo.

MATHIAS (*vendo as horas*).

O trem já *devem* ter chegado. Não *passarem* uma
vista d'olhos pelo quarto, para que nada *fultem* ao
filho do compadre. Eu vou fazer a barba. (*Sahe*
pela esquerda, Josephina e Gertrudes tambem sahem)

Scena IV

RUPRECHT (*só.*)

Um! este gaza non está pom, non. Menina tem
gabeça virada, e velho zoldado non zabe de bati-
faria, que fai por aqui. Eu não quer canha dinheiro
assim. (*canta*)

Isto assim não está ponito.
Eu não bosso aqui fifer.
Vai me embora b'ra Bedrobolis.
Cerfexa e queixo facer.

O zoldado não está mau,
Mas menina está xirando
Com garinha de innocente.
Bobre noifo anda enganando.

Scena V

O MESMO E ARTHUR

ARTHUR (*entrando pelo fundo, com
uma mala*).

Deus esteja nesta casa.

RUPRECHT

A' quem brocura?

ARTHUR

Onde está o Sr. Mathias?

RUPRECHT

Está fazendo a parpa Quem é o zenhor?

ARTHUR

Vá dizer-lhe que está aqui o filho do seu com-
padre.

RUPRECHT

Ah! é o zenhor Ardur de Miranta?

ARTHUR

Em carne e osso.

RUPRECHT

O namorado da menina?

ARTHUR

Então, avia-te.

RUPRECHT (*á parte*).

Coitado! (*sahe pela esquerda*).

Scena VI

ARTHUR E DEPOIS MATHIAS.

ARTHUR

Quem será este palerma? (*colloca a mala e o chapéo em cima da mesa e senta-se*). Eis-me, emfim, em vespervas de tomar estado. Quem diria?!

MATHIAS (*com um lado do rosto ensaboudo, e segurando a navalha*). Eu bem dizia que o trem já tinham chegado. (*abraçando Arthur*). Cuidado, não se córte. O compadre não veio?!

ARTHUR

Não pôde.

MATHIAS

Seria por cerimonia?

ARTHUR

Sabe que meu pai não pôde abandonar presentemente a fazenda.

MATHIAS

Eu logo ví; *havera* de ser bonito que o compadre fizesse cerimonia comigo. Mas onde está esta gente? Gertrudes? Josephina?

ARTHUR

Não as incommode.

MATHIAS

Olhe que esta casa já é sua: pôde ir entrando, e dispondo de tudo.

Scena VII.

OS MESMOS, JOSEPHINA E GERTRUDES.

GERTRUDES

Quanto folgo de vê-lo (*aperta a mão de Arthur*).

ARTHUR (*para Josephina*).

Como tem passado?

MATHIAS

Eu já volto (*sahe*).

Scena VIII.

ARTHUR, JOSEPHINA E GERTRUDES.

GERTRUDES (*olhando maliciosamente para Josephina*).

Não imagina a anciedade, com que era esperado.

ARTHUR

Deveras?

GERTRUDES

Esses dias têm corrido para Josephina com tal lentidão.....

ARTHUR

Avalie como eu os passaria em Petropolis. Ha um mez que não vejo o sol. O astro rei, uma ou outra vez, por especial favor, mostra-nos a face

naquelle céo, sempre carrancudo, que afugenta as estrellas, e onde a lua raras noites desenha o perfil. Um poeta cantou a lua de Londres; eu hei de cantar o sol de Petropolis, (*espirrando*).

GERTRUDES e JOSEPHINA

Viva !

ARTHUR

Obrigado. Não façam caso, são effeitos daquelle bello clima. Quem por alli passa paga o tributo de um defluxo, ou..... (*espirra*).

GERTRUDES e JOSEPHINA

Viva !

ARTHUR

Ora, por quem é. No meio daquelle monotonia consolava-me uma idéa.

JOSEPHINA

Qual era ?

ARTHUR

A ventura que terei de gosar no novo estado que me espera.

GERTRUDES (*para Josephina*).

Curiosa !

Scena IX.

OS MESMOS e MATHIAS.

MATHIAS

Porque não vai se accomodar ? Deve estar

fatigado da viagem. (*Arthur espirra*). Está constipado?

ARTHUR

Dou-me muito mal com a athmosphera lá de cima.

MATHIAS

Aquella fazenda de seu pai é muito sujeita á athmospheras.

GERTRUDES (*baixo a Mathias*).

Já começas a dizer asneiras.

MATHIAS (*alto*).

Qual foi a asneira que eu disse?! Minha mulher entende que eu sou um menino de escola, e está constantemente a dar-me *licções*. Pois olhe, Sr. Arthur, eu fiz, não ha muitos annos, *inzame* de *protuguez* em Alagôas, e fui approvado com distincção.

GERTRUDES

Está bom, nós já sabemos.

MATHIAS

Mas o Sr. Arthur não sabe, porque ainda não lhe contei esta. Havia em Maceió um agente da companhia de vapores, chamado Manoel Maria. O *inzaminador*, que queria espichar-me na tal grammatica, deu-me para analysar a seguinte oração:—O vapor chegou.—O verbo é chegou, não?—Sim, senhor. Quem é o agente? Eu que sou fino, respondi-lhe immediatamente:—É o Sr. Manoel Maria. O meu professor, que estava ao lado, desatou a rir do sangue frio com que res-

pondi á *progunta*, e no dia seguinte vi o meu nome, como o de um dos concurrentes mais habilitados ao logar que pretendia.

ARTHUR

Está visto.

MATHIAS

Eu serei burro, mas *bão* senso não me falta.

GERTRUDES

Oh! pois não.

MATHIAS

Ultimamente no Paraguay mandei deitar abaixo uma linha do *telephrago*.

GERTRUDES (*interrompendo-o.*)

Vamos para dentro, Sr. Arthur. (*baixo a Mathias*). Estás dizendo muitas asneiras.

MATHIAS

Não acha que fiz bem?

ARTHUR

Muito bem.

MATHIAS

Pois o *bão* senso não estava dizendo que aquillo era uma cousa *inutel*?! Aquella gente fallava o guarany, nós fallamos o *protuguez*. De que nos servia um *telephrago* em guarany? Mas eu estou aqui a massar-lhe a paciencia. Então, não acha a menina mais gordinha?

JOSEPHINA

O que é isto, papai?

ARTHUR

Sempre bella e encantadora.

MATHIAS

Pois olhe: devia estar muito magra; pois que desde que o conhece vive aqui em casa n'umas *afflicções*! Vestidos para aqui, rendas para acolá. — O Sr. Arthur não gosta disto, gosta mais daquillo.....

JOSEPHINA

Papai.

MATHIAS

Hontem estava dizendo á mãe que queria cortar aquellas duas *barruquinhas* do queixo, porque parecia-lhe que o senhor implicava com ellas.

JOSEPHINA

Papai.

MATHIAS

E no entretanto eu acho que aquillo dá-lhe muita graça. Parece dous *grãesinhos* de milho.

GERTRUDES (*baixo*).

Grãos, grãos.

MATHIAS

Com os diabos! No outro dia disseste-me — capitão, capitães; logo — grão, grãos.

GERTRUDES

Está bem; dize lá como quizeres.

MATHIAS

Faceirice até alli.

JOSEPHINA

Vmc. nunca ha de perder o sestro de contar tudo quanto ouve e vê.

ARTHUR

É um habito, como outro qualquer.

MATHIAS

Diz muito bem, é um habito. Não sabe da historia da raposa e do macaco?

ARTHUR

Não, senhor.

MATHIAS

O macaco disse um dia á raposa:—Porque olhas para traz sempre que entras em um capão de matto? A raposa perguntou ao macaco:—E tu, porque não podes estar cinco minutos sem te coçares? Apostaram qual dos dois levaria mais tempo, um sem se coçar, outro sem olhar para traz. Seguiram ambos por um campo. A raposa, mais astuta, querendo vêr o que lhe ficava pelas costas sem perder a aposta, puchou a seguinte conversa:—Aqui houve em outros tempos uma grande batalha em que morreu uma quantidade extraordinaria de bichos; todo este campo (*voltando-se ao redor da scena*) ficou cheio de *cadavres*. O macaco, que era mitra, acudio logo:—É verdade, o defunto meu

avô cá esteve e ficou todo baleado por aqui, por ali.... (*imita o macaco, coçando as costellas*).

ARTHUR (*rindo*).

Magnifico, magnifico!

MATHIAS

Assim sou eu.

GERTRUDES

Pois fazes mal, nem tudo se deve contar. Ha bem pouco tempo déste motivo a boas gargalhadas em casa do Queiroz com a historia dos cadetes.

MATHIAS

Riram-se, é verdade, mas foi por causa da lição que dei aos taes sujeitos. *Vinha* uns cadetinhos no *bondio* dos fumantes, já se sabe—charutinho na boca, e nada de me tirarem os *chapéo*, apesar de eu estar fardado e trazer as competentes *divisa*. Eu viro-me para elles, e digo-lhes com certo ar de ironia:—Srs. cadetes, como *vai*? A cousa produzio logo effeito, porque um delles, descobrindo-se com todo o acatamento, disse-me:—Sr. capitão, como *vão*?

GERTRUDES (*para Arthur*).

Porque não entra?

ARTHUR

Si me permite, ficarei conversando com D. Josephina.

GERTRUDES (*baixo a Mathias*).

Vamos, elles querem ficar sós.

MATHIAS (*para Arthur*).

Maganão ! (*sahe juntamente com Gertrudes*).

Scena X

ARTHUR E JOSEPHINA

ARTHUR

Porque has de ser tão faceira ?

JOSEPHINA

Não acredite nas historias de papai. E quando fosse verdade.... (*com intenção*) quem não se enfeita.....

ARTHUR

A si se engeita, tens razão. Si nós homens pagamos tributos á vaidade, as mulheres devem render a essa deusa o mais fervoroso culto.

JOSEPHINA

Pelo que vejo, então, a minha pessoa representa um papel muito secundario nesse amor, que diz consagrar-me ?

ARTHUR

Oh ! não, minha cara Josephina ; mas essas apparencias, que o mundo chama futilidades, são para o sentimento o que a aragem é para o fogo. Um poeta disse que a *toilette* é a alma da mulher.

JOSEPHINA

Amargo epigramma ás filhas de Eva. Seria o

mesmo que dizer que o merecimento artistico de uma téla depende da custosa moldura que a cerca.

ARTHUR

Quando te vejo, ostentando as galas da elegancia, parece-me que teus olhos brilham com mais fulgor, que teus labios purpurinos se abrem como dois botões de rosa aljofrados pelo orvalho da manhã, que tens sobre a fronte um diadema de luz, e que pisas a criação com o pésinho mimoso e feitiçeiro, que o sapatinho opprime.

JOSEPHINA (*á parte*).

Meu Deus! Si elle soubesse! Eu morreria de vergonha!!

ARTHUR

Parece que tua cintura quebrar-se-hia ao menor contacto.....

JOSEPHINA

Tu não me amas.

ARTHUR

Si te amo! (*tirando uma sempreviva do bolso*).
Conheces esta sempreviva? Trago a bem junto do coração, desde o dia em que m'a déste. Esta flôr quer dizer—amar até morrer. Eu juro, por este penhor sagrado, que hei de amar-te até á morte.

A sempreviva que me déste, ó bella,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas petalas d'ouro que esta flôr ostenta,
Leio o protesto de um amor ardente.

Si a flôr mimosa desbotar não póde,
Mesmo dos annos ao poder nefando,
Ao seio unida, viverei com ella,
Beijando as petalas morrerêi te amando.

Amor tão puro, como eu sonho, archanjo,
Vejo exhalar-se desta flôr divina,
Oh! seja embora meu amor um crime,
Hei de adorar-te como a flôr me ensina.

A sempreviva que me dêste, ó bella,
Oh! sempre viva me será na mente,
Nas petalas d'ouro que esta flôr ostenta,
Leio o protesto de um amor ardente.

Scena XI

OS MESMOS E RUPRECHT

RUPRECHT (*entrando com uma vela e accendendo as da sala*).

Lá está a zozna a illudir o bobre rabaz. Eu vai te arma uma pôa laço.

ARTHUR (*a Josephina*).

Que massante! Quem é este palerma?

JOSEPHINA

É um criado allemão, por quem papai morre de amores. Dê-me o seu braço, e vamos ao jardim. (*Arthur dá o braço a Josephina, e passa por perto de Ruprecht*).

RUPRECHT (*baixo*).

Eu guer lhe fallar.

ARTHUR

Si me permite, irei daqui a pouco.

JOSEPHINA

Como queira (*sahe*).

Scena XII.

RUPRECHT E ARTHUR.

ARTHUR

O que queres ?

RUPRECHT (*examinando cautelosamente as portas*).

Scio !

ARTHUR

Que diabo de mysterio é este ?

RUPRECHT

Este menina não está pom, non.

ARTHUR

O que queres dizer com isto ?

RUPRECHT

Bai não sape de nata, e mõi sem ferconha serfe de capa

ARTHUR

Patife !

RUPRECHT

Batife, ia wohl, endra todo o tia neste zala, e está azim (*ajoelhando-se*) ao bé de noifa de focê.

ARTHUR

Estarei eu sonhando, Santo Deus! Falla, demonio; mas falla portuguez, de modo que eu te entenda.

RUPRECHT

Menina tem um amande, focê não defe gasa com ella.

ARTHUR

E si eu te disser que estás mentindo como um cão!

RUPRECHT (*zangado*).

Engóle este palafra, eu não mente, (*avançando*). Engóle já palafra. Du bist ein Schaffskopf, (*ameaçando-o com o punho no rosto*).

ARTHUR

Está bom, está bom.

RUPRECHT

Engóle já palafra.

ARTHUR

Já enguli.

RUPRECHT

Eu guer lhe abre os olhos em dempo, e focê está muito sem ferconha.

ARTHUR

Mas tu tens certeza do que estás dizendo?

RUPRECHT

Ya wohl. Gewiss.

ARTHUR

Pois será crível que aquelle anjo de candura...
O' Deus de bondade, eu te agradeço por me teres
illuminado tão horrendo precipicio!

RUPRECHT

O que fai facer?

ARTHUR

Lançar em rosto desta mulher a infamia, que
commetteu para comigo, e despedir-me para
sempre desta casa.

RUPRECHT

Esbera um bouco. Focê guer fêr com suas pro-
prias olhos?

ARTHUR

Sim, sim.

RUPRECHT

Então gala sua boca, não dá esgandalo. Nós
abanha sujeita com poca na potija. Fai p'ra den-
tro, e faz cara de dôlo.

ARTHUR

Mulheres ! Mulheres !

RUPRECHT

Fai p'ra dentro (*Arthur sahe*) Bobre rabaz !
(*accende a ultima véla e sahe*).

Scena XIII

ANDRÉ BARATA (*só*).

ANDRÉ BARATA (*entrando pela ultima porta da direita*).

Aquella menina ainda ha de ser a causa da minha perdição. Obriga-me a entrar aqui pela porta da cosinha, n'um bello dia esbarro-me face a face com o pai e dão-me cabo do canastro. Si a mãe não consentisse, eu já tinha sido infallivelmente pillado, e tudo por um capricho tolo; sim, porque no fim de contas, que mal havia que o noivo soubesse das minhas visitas? O coração está me vaticinando que hoje acontece-me alguma (*canta*).

Por amor de uma menina,
Estou mettido em boa cama,
Si me livro da esparella
Não caio n'outra trama.

Quando entro aqui á noite,
Perco a falla fico mudo.
Sinto caimbras pelas pernas,
Sinto frio, sinto tude.

Scena XIV

O MESMO, JOSEPHINA E DEPOIS
RUPRECHT

JOSEPHINA

Constipava-me no jardim, á sua espera.....
Jesus! o senhor aqui?!

ANDRÉ

Pois não me disse ante-hontem que esperava-me hoje a estas horas? sou pontual, como um inglez.

JOSEPHINA

Meu Deus! Elle póde chegar.....

ANDRÉ

Minha senhora, declaro-lhe, com a franqueza que me caracteriza, que não comprehendo os seus escrúpulos.

JOSEPHINA

O senhor não vê que se elle soubesse deste segredo, me repelleria no mesmo instante.

ANDRÉ

Não creio, minha senhora; elle havia de fazer todo o possível para occultar isto, e até depois de casado, as portas de sua casa abrir-se-hião de par em par para receber-me.

JOSEPHINA

Depois de casada, nunca, senhor! porque eu morreria no dia que meu marido suspeitasse disto.

ANDRÉ

E sua mãe não sabe de tudo?

JOSEPHINA

Sabe, é verdade; porém ella padecia do mesmo mal quando se casou com meu pai.....

ANDRÉ

Então, já vê que.....

JOSEPHINA

Mas meu pai não se importa com essas cousas.

ANDRÉ

E' um excellente marido.

JOSEPHINA

E eu a conversar com o senhor! Arthur não tarda por ahi, vá-se embora.

RUPRECHT (*apparecendo na porta*).

Prafo! abanhei-os (*sahe*).

Scena XV

JOSEPHINA, ANDRÉ E DEPOIS ARTHUR

ANDRÉ

A minha demora é muito pequena; sente-se e vejamos como vai o seu pé (*senta-se no sofá*).

JOSEPHINA

Elle póde sorprendender-nos.

ANDRÉ

São cinco minutos apenas.

JOSEPHINA

Aqui mesmo?

ANDRÉ

Porque não?

JOSEPHINA

Ai, ai, si não lhe tivesse tanto amor.....
Vamos, mas muito depressa. (*Arthur apparece na porta, Josephina senta-se no sofá e André ajoelhando se, segura-lhe no pé*).

ARTHUR (*entrando*).

Infame!

JOSEPHINA (*assustando-se*).

Ai! (*André esconde-se rapidamente na primeira porta da direita. Arthur olha com raiva concentrada para Josephina, que abaixa a cabeça*).

Scena XVI

RUPRECHT, JOSEPHINA E ARTHUR

RUPRECHT

Eu fai arruma minha bahú, e fai me embora, patifaria muito grande (*entra pela segunda porta da direita*).

JOSEPHINA

Arthur!

ARTHUR

Sei de tudo, senhora.

JOSEPHINA

Sabes de tudo?! Ceos! o que disse elle! Não me despreses, eu te peço, em nome do que tens de mais santo.

ARTHUR

Vilmente enganado !

JOSEPHINA

Eu te juro que é falso. Não creias , não é verdade.

ARTHUR

E ousas negar quando acabo de ver.

JOSEPHINA (*com vivacidade*).

Não viste, é mentira.

ARTHUR

Basta, senhora; esta scena está me irritando os nervos, e eu saberei o partido que hei de tomar (*canta*).

Linda e pura como um anjo
Julguei-te nos sonhos meus,
Quebraram-se os teus encantos
Serena imagem de Deus.

Dos jardins da minha vida
Foste a rosa seductora :
Já não vives neste peito
Mulher falsa e trahidora.

JOSEPHINA (*canta*).

Enganal-o já não posso,
Para sempre estou perdida,
Quebraram-se os seus encantos,
E a illusão de minha vida.

JOSEPHINA

Arthur! (*quer segurar-lhe na mão*).

ARTHUR (*sahindo pela segunda porta da esquerda*).

Deixe-me. (*Josephina quer seguil-o, mas volta, deixando-se cahir no sofá*).

Scena XVII

JOSEPHINA E GERTRUDES

GERTRUDES

Onde está o Sr. Arthur?

JOSEPHINA (*encostando a cabeça ao peito de Gertrudes, e chorando*).

Hi! Hi! Hi!

GERTRUDES

O que tens, menina?

JOSEPHINA

Está tudo descoberto!

GERTRUDES

Como?

JOSEPHINA (*levanta-se*).

Arthur vai abandonar-me e propalará a minha vergonha por toda a parte.

GERTRUDES

Mas como foi isto? Conta-me.

Scena XVIII

AS MESMAS E ANDRÉ

ANDRÉ (*tremendo*).

Já se foi?

GERTRUDES

O Sr. André!!

ANDRÉ

E' verdade, minha senhora, antes não fosse.

GERTRUDES

Mas o que veio fazer o senhor hoje cá?

JOSEPHINA

Arthur surpreendeu-o aos meus pés, e disse-me que já sabia de tudo. (*chorando*) Hi! Hi! Hi!
(*sahé pela primeira porta da esquerda*).

Scena XIX

ANDRÉ E GERTRUDES

GERTRUDES

Que indiscrição, senhor?

ANDRÉ

E então! Pois é a senhora que me chama de indiscreto? Quem foi que me disse que eu viesse cá hoje?

GERTRUDES

E' verdade, não me lembrava..... saia, saia.

ANDRÉ

Eu sahiria correndo como um veado, mas não sei que diabo tenho que as pernas estão a tremer-me, como canigos agitados por um grande temporal.

GERTRUDES

Onde está o seu chapéo?

ANDRÉ

Daria um doce á senhora, si me dissesse onde está a minha cabeça. (*Gertrudes procura o chapéo*). Muito custa a levar-se esta vida honradamente.

GERTRUDES (*achando o chapéo, em cima de um dos aparadores*).

Tome. (*André toma o chapéo, deixa-o cair aos pés de Gertrudes, e abaixu-se para apanhal-o, no momento em que apparece Mathias na segunda porta da esquerda*).

Scena XX

OS MESMOS E MATHIAS

MATHIAS

Um home nos peses de minha mulher! (*André corre precipitadamente, escondendo-se na segunda porta da direita*) Sra. D. Gertrudes! (*com furor*).

GERTRUDES

Não é preciso alterar-se, é a cousa a mais simples deste mundo.

MATHIAS

A senhora *arrecebe um home* em minha ausencia, e tem o atrevimento de vir dizer-me que é a cousa mais simples deste mundo!!

GERTRUDES

Miseravel! Duvidas de tua mulher!

MATHIAS

Não me faça ferver o sangue. Olhe que entre mim e a senhora ha um mundo de cobrinhas furtacôres. Eu não estou *bão*, senhora.

GERTRUDES

Falla baixo; queres fazer um escandalo?

MATHIAS

Fallo bem *alto*; todo o mundo ha de saber que a senhora me trahio. O casamento de nossa filha está desmanchado, porque a senhora acaba de compromettel-a.

GERTRUDES

Mentes.

MATHIAS

Arthur acaba de me contar tudo; elle julgava que Josephina, aquella pomba sem fel..... e no entretanto é a mãe.....

GERTRUDES

Sr. Mathias, deixe-me fallar.

MATHIAS

Não ; primeiro hei de saciar a minha vingança no infame seductor. Entra para alli *Lucrecia Brogia*. (*Aponta para a primeira porta da esquerda*). Já para alli.

GERTRUDES

O que irá acontecer, meu Deos ! (*sabe*).

Scena XXI

MATHIAS E ARTHUR

MATHIAS

Sou eu a victima.

ARTHUR

O senhor ?!

MATHIAS

Sim ; o negocio é com minha mulher.

ARTHUR (*zangado*).

Ora, Sr. Mathias.

MATHIAS

Apanhei-os.

ARTHUR

Quem ?

MATHIAS

Gertrudes e o tal sujeito, de que me fallou.

ARTHUR

Si não está caçoando commigo, digo-lhe que está doudo.

MATHIAS

Mas, si eu vi.

ARTHUR

Si eu tambem vi.

MATHIAS

O senhor está bem certo disso?

ARTHUR

Pois não lhe disse já que estive ha pouco com ella nesta sala?

MATHIAS

Então são dois. Nós tambem *samos* dois, seguiremos os bichos.

ARTHUR

Acredita por ventura que elles estejam ainda aqui?

MATHIAS

O meu entrou alli. (*indicando a segunda porta da direita*). Fechemos as portas. (*fechando a porta do fundo e a primeira e segunda da esquerda*). Ah! é preciso apagar as velas. (*apaga-as*). Agora toda a cautela são poucas. (*tateando*) Venha me seguindo. (*chegam á segunda porta da direita*). Colloque-se do lado de lá, eu ficarei aqui. (*Arthur fica a um lado da porta e Mathias do outro lado*).

ARTHUR

Mas isto assim, sem uma bengala ao menos.

MATHIAS.

O senhor não tem *mões*? Scio! Assim que *apparecerem* a cabeça do *sugeito*..... *zás*, (*apertando o pescoço*). Deve-se fingir voz de mulher. (*com voz fina*). Póde entrar.

ARTHUR (*com voz fina*).

Entrem, elles já se foram.

Scena XXII.

OS MESMOS, RUPRECHT E DEPOIS ANDRÉ.

RUPRECHT (*entrando*).

Gue *escuritão*! (*Mathias e Arthur agarram-lhe no pescoço. Ruprecht quer gritar e não póde, e vêm os tres á boca da scena*).

MATHIAS.

Aperte sem dó, nem piedade.

ARTHUR.

Está seguro, (*André entra*).

ANDRÉ (*á parte*).

Bonito! A porta do quintal fechada, e eu aqui ás escuras, (*tateando*).

MATHIAS.

Has de morrer como um porco. Aperta seu Arthur.

ANDRÉ (*á parte*).

O que ouço?!

ARTHUR.

O bicho não nos escapa mais.

ANDRÉ (*á parte*).

Morrer como um porco ! Cahi n'um matadouro !

RUPRECHT (*conseguindo tirar do pescoço a mão de Mathias*).

Zogorro ! Zogorro !

MATHIAS.

O Allamão ? ! (*Arthur larga o pescoço de Ruprecht*).

ANDRÉ (*á parte*).

Santa Barbara ! Onde estará a porta da rua ? (*tateando*).

RUPRECHT.

Gue guer diser isdo ! ?

MATHIAS.

Cala a boca, não faças barulho. O sujeito está aqui, e é preciso gazofilal-o.

RUPRECHT.

Mas eu não zou o zujeito !

ARTHUR.

Os patifes são dous, e não um, como me disseste. Procuremol-os. (*Os tres tateam pela scena*).

ANDRÉ.

Eil-os comigo ! (*tateando, esbarra-se no sofá, e fica de cocaras em cima daquelle. Ruprecht esbar-*

rando em Mathias, toma-o por André, e segura-lhe no pescoço, Mathias quer gritar e não pôde, Arthur passa a mão pela cara de André).

ANDRÉ (*gritando e correndo*).

Socorro ! socorro !

RUPRECHT.

Um xá está seguro.

ARTHUR (*tateando, em procura de André, esbarra-se com Ruprecht, toma-o por aquelle, e aperta-lhe o pescoço*).

Achei-te emfim ! (*Ruprecht quer gritar e não pôde*).

ANDRÉ (*gritando*).

Socorro ! Socorro !

Scena XXIII.

GERTRUDES, JOSEPHINA, ANDRÉ, ARTHUR,
RUPRECHT E MATHIAS.

GERTRUDES (*de dentro, batendo na porta*).

Abram a porta.

ARTHUR.

Aguenta, seu Mathias, (*gritando*). Uma véla que eu já não posso.

ANDRÉ (*d' parte*).

Si eu achasse a porta da rua.....

GERTRUDES (*de dentro*).

Então abrem ou não?

ARTHUR (*gritando*).

Uma véla, pelo amor de Deus!

GERTRUDES (*arrombando a porta e seguida de Josephina, que traz uma véla*).

O que é isto?!

ARTHUR (*deixando Ruprecht*).

Pois eras tu?!

RUPRECHT (*deixando Mathias*).

Pois era o zenhor?!

ARTHUR.

Onde está o seductor?

JOSEPHINA (*para André*).

Fuja, fuja.

MATHIAS (*avançando para André*).

Eis aqui o *marvado*. (*segurando-o pela gola do paletot*). Agora não me escaparás.

ANDRÉ (*á Gertrudes*).

O' senhora, deslinde toda esta alhada, que a minha vida está por arames.

GERTRUDES.

Este homem está innocente.

MATHIAS.

Eu já te vou dar a innocencia, *grandissimo* maroto. *Xubregas?* A minha espada.

RUPRECHT.

Brombto (*sahe*).

Scena XXIV.

OS MESMOS, MENOS RUPRECHT.

GERTRUDES.

Sr. Mathias, um escrupulo mal entendido da nossa filha é a causa desta scena.

JOSEPHINA.

Pelo amor de Deus, minha mãe, cale-se.

ARTHUR.

Deixe sua mãe fallar, senhora.

GERTRUDES

Este homem é um pedicura.

MATHIAS

Pedicura!

ANDRÉ

E' a pura verdade, senhor; sou formado neste difficil ramo, e merecia que me tratassem com mais consideração.

MATHIAS

Mas o que veio fazer em minha casa?

GERTRUDES

Josephina soffre.

JOSEPHINA

Ella vai dizer tudo ! Minha mãe.

ARTHUR

Falle, falle minha senhora.

GERTRUDES

Josephina soffre de uma molestia horrivel.

MATHIAS E ARTHUR

Qual é ?

GERTUDES

Tem um joanete !

JOSEPHINA

Está tudo acabado ! *(cobre o rosto com as mãos)*.

MATHIAS *(deixando André)*.

Um joanete?! Que *diacho* vem a ser isto ,
senhor ?

ANDRÉ *(com tom dogmatico)*.

O joanete é o diabo em fôrma de osso, que se aggrega ao pé, faz com elle commercio de amizade, augmenta-lhe a base, e uma vez estabelecido o seu dominio, entendiam os antigos pedicuras que era impossivel desalojal-o. Eu, porém, depois de um acurado estudo, em que gastei a mais bella parte da minha mocidade, descobri um remedio milagroso, perante o qual todos os joanetes se abatem, como provam os attestados, que passo a lêr, *(tira diversos papeis do bolso)*.

MATHIAS

Não me explicará, senhora, esta embrulhada?

GERTRUDES

Josephina queria occultar este defeito ao Sr. Arthur. Vendo annunciadas nos jornaes curas milagrosas feitas pelo Sr. André Barata, resolveu, com meu consentimento, recebel-o aqui em segredo. . . .

MATHIAS

E como me occultaram isto?

GERTRUDES

Com o teu genio fallador, irias contar tudo ao Sr. Arthur, e a pobre menina estava persuadida que o seu noivo a abandonaria no dia em que soubesse do fatal segredo.

ARTHUR (*para Josephina*).

Porque me julgaste tão mal? Acreditavas por ventura que te idolatrando como um anjo.

GERTRUDES

Era o que eu lhe observava, porque, no fim de contas, o que quer dizer um joanete? (*para Mathias*) Eu tenho um enorme, e tu nunca deste pela cousa.

JOSEPHINA (*para Arthur*).

E' de familia.

ANDRÉ (*lendo*).

“ Attesto que o Sr. Barata tirou me oito calos do dedo mínimo. ”

MATHIAS

Está *bão*; *abasta*. Vá em paz e *agradeça* à Providencia o não ter de ir daqui para a botica.

JOSEPHINA (*para Arthur*).

Não me desprezas?

ARTHUR

Pelo contrario, cada vez te amo mais. (*para André*) Authoriso-o a continuar desassombrado a cura encetada, e ponho á sua disposição a minha bolsa.

JOSEPHINA

Mas attestado, por fórmula alguma.

Scena XXV

GERTRUDES, RUPRECHT, ARTHUR, ANDRÉ,
MATHIAS E JOSEPHINA

RUPRECHT (*com a espada embainhada, e fazendo esforço por tiral-a da bainha*).

Aqui está a esbada. Muito verrugem, non sahe, non.

MATHIAS

Leva-a para dentro; já não é preciso.

RUPRECHT

Gomo?

MATHIAS (*batendo no hombro de Gertrudes*).

Sempre me metteste um susto....

RUPRECHT (*para Arthur*).

Gomo se expliga isdo?

ARTHUR

As apparencias muitas vezes enġanam, meu
palerma.

RUPRECHT (*á parte*).

Bercepo, apafaram o negocia em familia.

JOSEPHINA (*canta*).

Meus senhores e senhoras,
Quero dar-lhes um lembrete.
Não propalem por ahi.....

GERTRUDES (*canta*).

Que ella tem um joanete.

TODOS (*menos Ruprecht*).

Silencio ! scio ! attenção !
Por favor bico calado,
Que um defeito de familia
Não deve ser revelado.

(*Cabe o panno*)

FIM.

ESTA COMEDIA
NÃO PODERÁ SER REPRESENTADA SEM LICENÇA DO AUTOR

18335

ISL

